

LIBERDADE E CRIATIVIDADE CULTURAL NA MATA¹

Severino Vicente da Silva²

Resumo

Artigo se propõe a debater relações entre a formação histórica da Zona da Mata Norte de Pernambuco e sua criatividade cultural, que diferentemente dos folguedos litorâneos, foi desenvolvida principalmente no período pós abolição e republicano.

Palavras-chave: religiosidade; cultura; Mata Norte pernambucana; urbanidade.

Abstract

This article discusses the relationship between the historical formation of the Zona da Mata Norte of Pernambuco and the character of its cultural creativity. In contrast to other patterns from the coastal region, the cultural formations of the Mata Norte appeared after the end of slavery and during the republican period.

Keywords: religiosity; culture; Pernambuco's Mata Norte; Urbanity.

1. Introdução

Após a pequena faixa litorânea, vem a mata e seu povo, ou a sua gente. Assim é Pernambuco. Uma das tradições de nossa historiografia é a sua dominante ansiedade de estudar a história litorânea, quase esquecendo as demais regiões, até mesmo demorando a acercar-se das terras mais distantes do litoral, como acusava Capistrano de Abreu. Mas *A mata também é uma fonte para a história social*,³ nos ensina o historiador Marcus Carvalho, nos apresentando a diversidade populacional e os múltiplos interesses que rondam a mata. Ali não se encontram nos séculos de dominação lusitana, apenas os índios; lá estão negros que refundam sua liberdade ao fugir dos engenhos; ali estão homens livres, os cafuzos, mulatos, mamelucos, brancos não possuidores de títulos de terra, brasileiros que se adentram no verde em busca de madeira de lei, e que lá vivem, produzindo suas próprias riquezas, especialmente a mandioca que, vez por outra, vem a ser vendida nas feiras de povoados. Nas matas há o lugar da liberdade de caboclos e de quilombolas, de tantos outros que se refugiam e vivem à margem do sistema, embora dele fazendo parte. As matas também foram lugares onde se refugiaram os derrotados nas lutas de 1817 e 1824, perseguidos por aqueles que se beneficiaram das derrotas republicanas, como nos testemunha o roteiro escrito por Frei Caneca (em 1824)

“os aliados da Cora foram ainda mais fartamente recompensados do que em 1817. Além das inúmeras comendas, a coroa foi generosa em títulos de nobreza para seus aliados em Pernambuco. Araújo Lima e os Cavalcanti ganharam ainda a própria província – quase feudo – como diriam os praieiros na década de 1840”.⁴

¹ Texto produzido para a 4ª Oficina Sociedades Açucareiras: Abordagens e Perspectivas, no Departamento de História da UFPE, coordenada pelas professoras Christine Dabat e Socorro Abreu, do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco, dia 8 de março de 2010.

² Professor Adjunto do Departamento História da Universidade Federal de Pernambuco. severino.vicente@gmail.com; www.biuvicente.com

³ CARVALHO, Marcus J. M. de. “A mata atlântica: sertões de Pernambuco e Alagoas, sécs. XVII – XIX”. In: *CLIO, Revista de pesquisa histórica*. N. 25-2, 2007. Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008. [251- 266.], p. 252.

⁴ Idem, p. 255.

2. O que é a Zona da mata

Afastada do litoral, a Zona da Mata não se apresenta como uma unidade, com 44 municípios, congregando cerca de 15% da população do Estado, apresentando uma densidade demográfica de 143,1 hab./km². Normalmente falamos de uma Mata Norte ou Mata Seca, localizada ao norte de Olinda e Recife e, uma Mata Sul, ou Úmida. Conforme explicitação do Promata, essa região

“possui um quadro sócio-ambiental que evidencia a pobreza e a falta de oportunidades que comprometem a vida das pessoas, ampliado pelo uso predatório dos recursos naturais, um crescimento urbano desordenado e o pouco investimento em políticas públicas com a finalidade de promover o desenvolvimento humano”.⁵

3. Uma formação original diferente

E nas matas que ficam ao norte de Olinda, na borda da Capitania de Itamaracá, nesse espaço limite que alcança até mesmo as matas de Tapacurá, ali onde está situada a Igreja da Luz, viviam e traficavam em liberdade os malungos. Ali, nas matas respira-se, vive-se e também se morre de liberdade. É uma tradição que nasce fora dos espaços duartianos, onde inicialmente o comércio – contrabando - foi mais forte que a agricultura. Só no final do século XVIII veio a se integrada definitivamente a Pernambuco. Desde final do século XX a riqueza cultura da Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco vem a cada dia sendo mais valorizada, ainda que continue sendo desconhecida de grande parte da população, independente de seu grau de escolaridade.

As nossas manifestações culturais, as manifestações culturais do povo brasileiros foram, durante muito tempo, vistas como folclore, como expressões de sociedades já ultrapassadas, coisas que foram vividas pelos antigos e que não teriam maior importância para os dias atuais. Contudo, à medida que o processo de globalização estende-se, nos mais diversos recantos do globo vem ocorrendo um reavivamento, quase religioso, das tradições que pareciam submersas e esquecidas no tempo. E, em fato, deve ser grande o número de populações que não conseguiram manter sua tradição. Talvez por terem sido alvo primeiro do processo globalizante, ou talvez pela incúria de seus líderes ou, o que é pior, por decisões de seus dirigentes, tão solícitos a atender ao que vem do exterior e tão pouco dedicados aos interesses mais próximos de seus vizinhos e partícipes de tradições comuns, talvez por tudo isso essas populações tiveram que reinventarem-se e recriarem-se constantemente.

4. Como está vista hoje

A Zona da Mata Norte de Pernambuco tem sido, no último quartel do século XX e nesse início do XXI, um importante pólo de referência cultural do Estado, pela criatividade historicamente provada, pela constante adaptação aos diversos momentos de aproximação das modernidades, convivendo, nem sempre com sucesso, com os ares implacáveis do mundo que lhe tem chegado pelo mar, pela ferrovia ou pelas rodovias. Pode ser que isso se deva ao fato de suas terras terem sido tardiamente ocupadas pela mediocridade do latifúndio, pois nem sempre, nem em todos os lugares do território brasileiro, o latifúndio impôs de imediato e unilateralmente a sua força, a sua monotonia, destruidora das diversidades naturais. Contudo, o latifúndio, na sua longa existência, malgrado seus desejos, tem criado condições para encontros de muitas tradições.

5. Tradições brasileiras

As tradições são criadas a partir das necessidades do grupo, especialmente da necessidade de sua afirmação como grupo. Tal ocorreu desde o final do século XIX

⁵ http://www.promata.pe.gov.br/internas/zona_mata/perfil.asp, acessado em 26 de fevereiro de 2010.

quando o Brasil foi atingindo por uma onda de modernização: o estabelecimento do sistema métrico decimal, o fim da escravidão, o estabelecimento do trabalho livre e assalariado, a superação da Monarquia pela República como forma de governo, a secularização do Estado, a implantação das usinas em substituição dos engenhos, a vida mais concentrada em áreas urbanas e esvaziamento das áreas rurais. Aquele foi um período especial para a criação e recriação de tradições. Essa relevância nos é mostrada pelos estudos realizados pelo sociólogo Gilberto Freyre em sua trilogia sobre a sociedade pernambucana – *Casa Grande & Senzala*, *Sobrados & Mocambos* e *Ordem & Progresso*.⁶ Contudo esses estudos foram dedicados mais especialmente a compreender as mudanças ocorridas no âmbito das famílias das camadas dominantes. Essa bela trilogia de nosso maior intelectual, embora ele não estivesse desatento ao ocorria nas demais camadas sociais, como bem o demonstram as polaridades que ele aponta em seus títulos, não provocou nos estudiosos seus seguidores mais do que curiosidade intelectual sobre o que ocorria nas camadas às quais não pertenciam. Ocorreu uma fixação polarizadora, algo como famoso poema de Cecília Meireles para crianças: ou isso ou aquilo.

Assim, a visão consagrada na maior parte dos estudos é uma visão folclorizante daquilo que foi criado pela imaginação e vida dos povos que formam o Brasil, especialmente, em nosso caso, Pernambuco. Apenas o que foi vivido pelas classes dominantes ficou sendo considerado como cultura. E nem precisava criar, pois o grande objetivo era ficar parecido com o que se fazia na Europa, importava repetir o que se importava, não o criar e recriar. Como foi difícil para os primeiros romancistas criarem algo que não parecesse com a Europa. Poucos foram os que tentaram no século XIX, pois o Estado formado entre 1822 e 1889 era um Estado “para inglês ver”, um Estado que quis fazer uma sociedade embranquecida, sem lembrança de seus ancestrais indígenas ou daqueles que foram buscar na África. Algo tão forte que certos grupos não perdoaram a Gilberto Freyre por ter sido o primeiro a dar importância aos povos e culturas vindas da África, banindo-o das universidades e dos estudos universitários brasileiros. É verdade que Gilberto Freyre, como a maior parte dos intelectuais recusa a sua origem indígena. Bem, por conta da heresia de trazer o negro para a história, houve até quem escrevesse um livro sobre a cultura brasileira sem mencionar a sua produção cultural, como foi o caso de Carlos Guilherme Mota, embora o que se diz que é por conta das escolhas políticas feitas por Freyre nos anos cinquenta.⁷

Sem dúvida temos devemos nos lembrar que as muitas explicações da cultura brasileira são projetos de país, que dizem respeito a opções políticas. E foram realizadas em épocas. No dizer de Renato Ortiz:

“(...) as abordagens dos diversos autores são diferenciadas: mais conservadoras em Sílvia Romero e Gilberto Freyre; modernista em Mário e Oswald de Andrade; estatal e autoritária para os representantes de “Cultura e Política” durante o Estado Novo; desenvolvimentista para os isebianos; revolucionária para os movimentos culturais e estudantis dos anos 60. Mas é esta diversidade e permanência que constrói uma tradição, o que a transforma em referência obrigatória para toda e qualquer discussão sobre cultura e política”.⁸

5. O que vemos

Neste trabalho queremos nos ater, não à cultura brasileira de maneira geral, mas procurar compreender o que vem ocorrendo no Pernambuco da Mata Norte e nos

⁶ As obras de Gilberto Freyre estão na Coleção INTÉRPRETES DO BRASIL, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A. 2000. *Casa Grande & Senzala e Sobrados e Mocambos* no volume 1; *Ordem e Progresso* no Volume 3.

⁷ MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*. São Paulo: Ática, 1998.

⁸ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p. 13-14.

brinquedos tradicionais, populares dessa região. Desde Pereira da Costa⁹ que se vem buscando retratar ou compreender essas tradições culturais. Mais recentemente novos olhares são dirigidos para a cultura popular; desde os anos oitenta, estudos como os de Rita de Cássia B de Araújo,¹⁰ que realça a importância das mascaradas e dos movimentos em torno do frevo, ensejaram trabalhos diversos, voltados tanto para as manifestações populares recifenses, quanto para aquelas outras que, vindo de fora da dita “Veneza brasileira” se firmaram como sendo recifenses. Vem sendo criado um outro Recife. Um outro e novo Recife de fala de Mário Melo, ao dizer que

“o Recife está ameaçado. Ameaçado terrivelmente de descaracterizar-se. De ser absorvido por um outro Recife: O Recife que está começando a nascer. Um outro Recife. Um Recife estranho aos olhos dos provincianos”.¹¹

Mas esse Recife, que começava a chamar atenção dos estudiosos nos anos oitenta, vinha sendo gestado desde final do século XIX, conforme também atestam as pesquisas de Raimundo Arrais.¹² Além do Frevo, as manifestações culturais representavam-se nos maracatus de baque solto¹³ e, naqueles anos oitenta o reencontro da juventude com o Maracatu Rural, tangenciado no estudo de José Teles,¹⁴ e redirecionado por Valéria Vicente.¹⁵ Enquanto José Telles afirma que o Maracatu Rural obteve visibilidade por conta de jovens recifenses, Valéria Vicente acentua, com propriedade, que quando Chico Science entrou em contato com o ritmo criado e trazido da Mata Norte,¹⁶ já havia sido fundada a Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco; ou seja, os migrantes que ocupavam o Recife, sob os olhares preocupados do jornalista Mário Melo, organizaram-se e puderam ganhar o território do Recife, até então palco dominante do Frevo, do Maracatu de Baque Virado e dos Blocos. O Maracatu de Baque Virado, ou Maracatu Nação, todos estão de acordo que é uma manifestação cultural advinda com a permissão das autoridades policiais e religiosas do século XIX; os Blocos, por seu turno, parecem ter sido uma criatividade da classe média pernambucana para sair dos clubes e retomar as ruas dos passistas de frevo que a tomaram desde o início do século XX.

6. O símbolo do Norte criado no Sul se espalha enquanto se gestam outras tradições

Talvez por influência do belo *Os Sertões*,¹⁷ o Norte, como se dizia à época, Nordeste e Pernambuco ficaram marcados simbolicamente como a terra dos cangaceiros e jagunços, e isso foi, durante muito tempo, quase todo o século XX. Embora Gilberto Freyre tenha contraposto a volúpia do massapé e dos doces dos engenhos à secura dos sertões euclidianos, ele não conseguiu criar um tipo cultural que representasse essa cultura, uma vez que o Senhor de Engenho tem os mesmos traços autoritários dos

⁹ COSTA, Francisco Augusto Pereira. *Folklore Pernambucano, subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco*. 2ª edição. Recife: CEPE, 2004.

¹⁰ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife. 1996.

¹¹ Mario Melo apud Pontual, apud Viviane Antunes.

¹² ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *Culturas e confrontos: as camadas urbanas na campanha salvacionista de 1911*. Natal: Eufn, 1998.

¹³ LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Cultura Afro-descendente no Recife: maracatus, valentes e catimbós*. Recife: Bagaço, 2007.

¹⁴ TELES, José. *Do Frevo ao manguebeat*. São Paulo: 34, 2000.

¹⁵ VICENTE, Ana Valéria. *Maracatu Rural, o espetáculo como espaço social*. Recife: Editora Associação Reviva, 2005.

¹⁶ Chico Science viveu no Alto José do Pinho onde, desde os anos quarenta havia ali o Maracatu Estrela da Tarde.

¹⁷ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Coleção INTÉRPRETES DO BRASIL, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000. Volume 3.

fazendeiros tipo Barão de Jeremoabo. O mesmo aconteceu com os coronéis de Jorge Amado em seus Bataclãs. Talvez Gilberto estivesse demasiado envolvido com o passado senhorial ou, talvez, só tenha entrevisto a importância cultural do povo através dos olhos perspicazes de Joaquim Nabuco, seja na Minha Formação, seja no Abolicionismo.¹⁸ Talvez porque na primeira metade do século XX ainda estava em formação, em seu estado embrionário, a cultura da Mata Norte, sendo processadas as muitas e diversas tradições para serem recriadas e atualizadas aos novos momentos que a história punha. Embora a República houvesse sido proclamada, o povo não foi a ela incorporado. A política ainda estava demasiadamente tomada por valores aristocráticos que tornavam os recifenses mais próximos de Paris do que das matas de São Lourenço, Nazaré, Carpina, Vicência, Aliança e outras partes pernambucanas tornadas cidades apenas no período republicano.

Nessa época republicana foi que as terras da antiga Capitania de Itamaracá começaram a expulsar seu povo à medida que o latifúndio açucareiro foi tomando conta dos espaços produtores de manga, jaca, café, algodão, macaxeira, inhame, mamão, criação de porcos, bodes, esses espaços habitados por meeiros e pequenos sítios. Os moradores desses pequenos sítios, esses moradores de engenhos de fogo morto, cortadores de cana eram netos e bisnetos da população livre das matas do período imperial, do tempo em que ainda havia a escravidão como modo de produção. E eles começaram a ser expulsos de seus espaços tradicionais, ainda que deles não fossem proprietários. Mas ali eles viviam as suas vidas e criavam suas tradições, numa mescla de tudo que foi vivido por seus antepassados. E tudo isso se deu quase sem controle das autoridades, autoridades que eram zombadas em seus brinquedos. Muitos desses meeiros descendiam de escravos, pois se nas matas havia índios, havia também os negros fugidos que cruzavam biológica e culturalmente com índios, brancos e mamelucos das matas.

Essa fusão cresceu com o advento da República, ainda que limitada. A liberdade de ir e vir, de fazer novos contratos, de sair do engenho para visitar outros sem que fossem perseguidos por capitães-do-mato, permitiram novas interações e novas interpretações de tradições vindas da Europa, da África. Isso nós podemos verificar nos enredos dos Pastoris, os que ocorrem nos pátios das igrejas, contando as jornadas de pastoras e ciganas que saem do Egito em busca do Menino Deus e, por isso são chamados de **Pastoris Religiosos**, e aqueles Pastoris de Canto de Rua, os chamados **Pastoris Profanos**, apreciados pelos adultos que desreprimem desejos sexuais olhando as roliças pernas e maneios das moças que acompanham o Velho Mangaba; também podemos verificar nos autos populares tais como o Mamulengo e suas jocosas anedotas tiradas a partir das observações feitas dos ofícios de soldados, médicos, padres, juizes, políticos e outros representantes dos tradicionais grupos dominantes; essa liberdade e criatividade pode ser observada ainda nos grupos de **Cavalo Marinho** que, simultaneamente, lembram a presença de São Gonçalo, a principal devoção do rei Dom João III, cultivam as lembranças de quando os vaqueiros desciam até à grande feira de gado que ocorria Nossa Senhora do Ó, hoje Tupaoca, município de Aliança,¹⁹ ou zombam dos desejos insatisfeitos das velhas viúvas solitárias em busca de alguma alegria nas touceiras de bambu, e muitas outras personagens desse espetáculo longo, próprio para sociedades agrícolas livres. Esses brinquedos começam a tomar forma no tempo após o 13 de Maio de 1888 e o 15 de novembro de 1899.

¹⁸ NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Coleção INTÉRPETES DO BRASIL, Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 2000.

¹⁹ SILVA, Severino Vicente da. *Maracatu Estrela de Ouro de Aliança, a saga de uma tradição*. Recife: Editora Associação Reviva, 2005.

7. A luta para superar a monarquia

Os povos da Mata recriaram espaços simbólicos e, muitas vezes tiveram que enfrentar os “cabos” e “feitores” de engenhos e usinas para que pudessem sair a brincar. Algumas vezes de maneira isolada, como foi o caso desses caboclos que surgiram dos canaviais e depois formaram nações indomáveis. Quando saíam, os caboclos de lança, anunciando a existência do povo das matas, nas brincadeiras do carnaval, era sem a permissão dos poderosos, “*punha os corações um grande medo*”, como um poeta português dizia de uma tempestade que se avizinhava, um temor trazido pelo som dos chocalhos e das lanças, forçando delegados e soldados a fechar povoados, tratando trabalhadores rurais como bandidos. Mais tarde a iniciativa dos guerreiros Severino Batista, Manuel Salustiano, Manuel do Boi, Biu Hermenegildo criou a Associação dos Maracatus de Baque Solto, em 1980,²⁰ para por término a essa violência aprendida nos tempos dos poderes escravocratas. Trajetória semelhante tem sido a das tribos de Caboclinhos que, embora existam no Recife, têm crescido mais fortemente na cidade de Goiana, representando uma tradição mais antiga, uma afirmação das tribos derrotadas ao longo da colonização portuguesa e do período imperial.

Outras inventividades ocorriam na região, como a dança do Coco, algo tão libertário que sequer é mencionada no Atlas Cultural do Brasil, publicado em 1972,²¹ embora já naquele período houvesse gravação desse ritmo nas vozes de Jackson do Pandeiro. Mas naquele período já havia o reconhecimento da Ciranda, como o provam os festivais realizados nos anos sessenta²² em périplo que abrangia desde o Recife até Itamaracá, tornando conhecido nomes como Baracho, João da Guabiraba, Geraldo Almeida. E ainda há outras que tenderam a desaparecer da região como o Reisado, a Nau Catarineta. Embora partes dessas tradições possam ser encontradas em algumas das brincadeiras populares, elas não conseguiram ser atualizadas pelas gerações mais livres e republicanas, são mais próprias para os espetáculos armoriais que apontam para símbolos e causas aristocráticas francesas ou paraibanas. As brincadeiras que trazem reis, como é o caso do Reisado e Nau Catarineta, não tiveram vida longa na Mata Norte de Pernambuco, embora sobrevivam na Paraíba e Alagoas. Todos nós sabemos que reis e rainhas nos maracatus de Baque Solto foram exigências dos monarquistas saudosistas do Recife, uma exigência da Comissão Organizadora do Carnaval, sob a liderança de Mário Melo, em um esforço para lembrar os tempos dos reis dos escravos, servindo os senhores da cidade. Atualmente os detentores do poder se esforçam para colocar nas ruas do Recife uma corte francesa absolutista quando os camponeses serviam de moeda de troca para aristocratas e burgueses.²³ É um esforço para por características externas que comprometem as “intencionalidades” iniciais desses re-criadores da sua história ao fazer nascer, dos canaviais que tomaram os espaços das matas, as novas tribos carregadas de sonhos, conquistando cada novo povoado. Agora conquistaram a capital. Essas brincadeiras que hoje estão se espalhando sobre os espaços geo-sociais pernambucanos são tradições que começam a surgir, voltamos a afirmar, após o fim da escravidão e da proclamação República.

²⁰ VICENTE, Valéria. Opus cit.

²¹ ATLAS CULTURAL DO BRASIL. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação, 1972.

²² VICENTE, Tamisa Ramos. *Vamos Cirandar: Políticas públicas de turismo e cultura popular, festivais de ciranda em Pernambuco (1960 – 1980)*. Caxias do Sul: Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, 2008. Mimeo.

²³ ANDERSON, Perry. *Linhagens do estado absolutista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

8. Malazarte ou Mateus

Aqui estamos falando de tradições que muitos jovens recifenses de têm assimilado desde os anos setenta, primeiro como observadores, depois tomando como parte de si, e o fizeram de tal forma que, um dos governantes, tomou o Caboclo de Lança, criado na Mata Norte de Pernambuco como símbolo estadual. Como bem lembra Valéria Vicente, esse fato acontece apenas após duas décadas em que jornalistas recifenses olhavam, com asco, a caminhada dos Maracatus Rurais nas ruas do Recife. Impressiona como cresce o número de jovens de classe média que, em busca de sua identidade procura aprender os passos do “mergulhão” inicial do Cavalo Marinho ou os movimentos sobre as cordas da rabeca, seduzidos pelo sonho da rabeca de Mestre Salustiano.

Um comentário final sobre o Mestre Salustiano, um migrante do PROÁLCOOL. Esse migrante da Mata Norte, chegou a Olinda e Recife nos anos setenta e, como Pedro Malazarte foi acolhido em alguns espaços da corte, recebendo apoios que lhe garantiram a sobrevivência com as artes e artimanhas aprendidas nos caminhos dos canaviais impostos à antiga Capitania de Itamaracá. A Secretaria de Cultura do Estado criou o Espaço Alumiara para ali ser realizado um encontro de Maracatu Rural. Interessante, me apontou um dia o Mestre Zé Duda, naquele espaço pensado por um arquiteto parente do secretário, não há um só índio. Bem, acontece que Mané Salustiano comprou um sítio e lá fez a Casa da Rabeca do Brasil. Pedro Malazarte enganou o rei, era um Mateus que, com sua Catita e seu “pareia” Batião, acompanha o Maracatu Rural.

“Como isso aconteceu, eu não sei, só sei que foi assim”.

Recebido em 25.05.2010. Aceito em 02.06.2010.